

Rubem Braga

RECADO AO TURISTA BRASILEIRO

MEU dever seria promover uma corrente turística do Marrocos para o Brasil; mas isso, para falar a verdade, é meio difícil.

Além da viagem a Meca, obrigação de todo muçulmano de posses, o marroquino é naturalmente atraído pela Europa. A Espanha está ali, do outro lado do estreito. Paris, de avião, custa algumas dezenas de dólares. A Itália está perto. E quem quiser atravessar os mares irá, muito naturalmente, aos Estados Unidos. O senhor Ministro da Fazenda não deve, portanto, contar muito com minha atuação para equilibrar nossa balança de pagamento à custa de divisas dos viajantes mouros...

Mas não será antipatriótico fazer o contrário, isto é, fazer isto que estou fazendo — tentar atrair turistas brasileiros ao Marrocos? Não, não é. Não é porque nenhum brasileiro vai sair de casa especialmente para vir ao Marrocos. Esse turista não existe e nunca existiu. Brasileiro, quando atravessa o Atlântico, é, muito naturalmente, para ir à Europa. É a esse turista, a esse gastador de divisas, que já está com seus cheques de viagem no bôlso e os torrará de qualquer maneira antes de voltar para casa, é a esse que eu convido a ter um pouco de imaginação e dar uma espiada no Marrocos. Se fôr a Madri ou Lisboa pode vir por terra, passando por Sevilha — cidade em que tôda gente deve passar e parar um pouco se não puder morar, não é verdade, João Cabral? Não tenho eu razão, Paulo Mendes de Almeida? De Sevilha a Algeciras é perto — e a travessia de mar, muito confortável, não dura mais de duas horas, o tempo de ver as águas e montanhas dessa ilustre esquina do

mundo, e comer um bom almôço.

Mas por mar ou pelo ar, descendo em Tânger ou em Casablanca, e quando quiser ir a Fez ou a Marraqueche, o brasileiro terá a primeira boa surpresa: as estradas são esplêndidas. São melhores que as de Espanha, são muito melhores (e relativamente muito mais extensas) que as nossas, tanto as estradas de rodagem, que não usam buracos, como as de ferro, quase sempre eletrificadas, e com trens chegando no horário. E há alguns hotéis excelentes — e muitos outros razoáveis. E as cidades funcionam — têm realmente água, luz, telefone, limpeza pública, ordem no trânsito — e há monumentos antigos para ver, há praias lindas, campos cheios de flôres multicores, neve para esquiar nas montanhas, florestas para caçar, rios e lagos para pescar, deserto — falar nisso descobri que o deserto do Saara é quase do tamanho do Brasil, tem mais de oito milhões de quilômetros quadrados! — e descobri também que o Marrocos, tão pequenino nos pareça na escala traçoceira dos mapas escolares, é maior que S. Paulo e Paraná juntos — mas o que há principalmente é uma grande humanidade colorida e vária, gente que ainda vive em tribo e gente que dança o twist, mulheres de véu e mulheres de biquíni, mesquitas, igrejas e cassinos, ruínas romanas e fortes portugueses mais velhos que o Brasil, palácios de antigos sultões e palácios modernos de cimento e vidro, avenidas amplas e arborizadas e vielas estreitas de medinas e melahs, camelos e aviões a jato em pleno serviço — um velho país que é uma jovem nação lutando honradamente pelo seu lugar ao Sol.